

**Encontros de confrontação que nos faltam (I): Eduardo Lourenço e Maria Gabriela Llansol**

Maria de Lourdes Soares-UFRJ

**1. “Sinto impulso de os fazer encontrarem-se, e de estar presente; é o prólogo”<sup>1</sup>**

*Desejava uma escrita viva que pudesse tomar por um encontro.*

(Llansol, 1987: 182)

*Nós acreditamos na profundidade desse diálogo e defendemos a liberdade que o torne possível.*

(Lourenço, 1987: 17)

Eduardo Lourenço e Maria Gabriela Llansol: quando leio o que escrevem com meu *corpo de fruição* (Barthes, 1977: 25), esqueço-me de enquadramentos de gênero, que forcem exclusões. Em seus respectivos percursos, ambos mantêm a coerência com os princípios de orientação que os nortearam – o *espírito de heterodoxia* e o *espírito de des-posseção* –, naturalmente passíveis de transformações, consoante as exigências do próprio caminhar.

Lourenço, entre outros momentos fundamentais do seu ensaísmo enraizado na consciência trágica (caráter quase<sup>2</sup> consensualmente apontado pelos estudiosos), reafirma o espírito de heterodoxia; elege os poetas como os melhores guias; reivindica o estatuto de uma função poética para a Crítica; vale-se da mitologia de forma criadora; privilegia a literatura como interpretação de Portugal e declara-se um europeísta convicto, propondo-nos sonhar sonhos bem sonhados. Dotado de “vontade de estilo” (Marichal apud Goulart, 2003: 22), entrega-se com mestria ao pendor epigráfico; busca os meios mais adequados à dinâmica do seu pensar, recorrendo com frequência à dupla titulação (o perturbante “ou”, indicativo de alternativas que não se excluem, próprio da vivacidade de um pensamento que se desdobra) e à construção de quiasmos (“*quinhentos anos de imperialismo sem Império que foram também quinhentos anos de Império sem autêntico imperialismo*”), por vezes a partir de expressões extraídas de sua comunidade textual (Ninguém-Portugal / *português-ninguém*) (Lourenço, 1991: 42, 112), como se só no entrecruzar tenso desses pólos invertidos fosse possível apreender o sentido sempre diferido do nosso labirinto, ou ainda explorando recursos gráficos, como os itálicos, que criam relevos, assinalando idéias-chave ou instantes de maior fulgurância. Escrevendo *no horizonte do literário*, revela-se também um *escritor* (e a atribuição do Prêmio Camões em 1996 veio confirmar), cujo texto exige um leitor com olhar ágil, dúctil, persistente, capaz de acolher o efeito de fascínio e de aceitar, sem se contentar com o puro gozo da contemplação, o desafio de aventurar-se pelos meandros do seu ensaísmo inquieto e inquietante.

---

<sup>1</sup> Llansol, 1985: 100.

<sup>2</sup> João Barrento pondera “sobre a pertinência da aplicação da etiqueta de ‘ensaísmo trágico’ a esta Obra” (Barrento in Baptista, 2003: 174-175).

Por sua vez, Llansol ousa sair da escrita representativa e, atraída pelas *fontes da Alegria*, decide orientar-se pelo *espírito de des-posseção*<sup>3</sup> e da *Tradição segundo a Restante Vida* (esquecimento ativo dos nomes próprios e da cronologia, disponibilidade à experiência das metamorfoses, busca de uma postura ética-estética – *sensualética* – face à *impostura da língua*), princípios ligados à vontade de pujança. Num espaço livre de tempo, figuras de várias espécies, sem hierarquias, convivem em *comum idade*, crescendo no eterno retorno do mútuo. Através de *encontros inesperados do diverso* (expressão que depois integraria o título de *Lisboaleizig I*), o texto cria “um espaço para a evolução do possível e, sobretudo, para a emergência do imprevisível” (Llansol, 1994a: 92), encaminhando-se para o desejado encontro entre a *liberdade de consciência* e o *dom poético* (“o potencial de beleza à espera de ser descoberto em todas as coisas e nas suas relações”<sup>4</sup>), sem o qual a liberdade de consciência definhará. Na falta de uma linguagem<sup>5</sup> adequada ao movimento do *corp’a’screver*, além de valer-se de diversos recursos gráficos – *blancs*, traços, itálicos e negritos, que sugerem uma proximidade com a poesia e a música, marcando silêncios, volumes sonoros, simultaneidades, momentos fortes e fortíssimos, ou a própria vibração do *vivo* –, formulou conceitos (*figuras, sexo de ler...*), criou termos (*ambo, legente...*), ressignificou outros (*comunidade, pobre, lugar, vazio, vivo, amante...*) e, contradizendo a idéia de que “o real é o social, real só há um” (Llansol, 1982: 100), encontrou técnicas adequadas (*sobreimpressão, cenas fulgor*) para abrir caminho a outros reais, propondo ao leitor um *contrato de compaciência*, um *pacto de desconforto*<sup>6</sup>.

Vi-os juntos, intuitivamente, já há algum tempo, distintos, cada qual com o seu modo próprio de formular interrogações e de transfigurar, através de originais metabolizações, o experimentado em particulares vivências e leituras pregnantes, mas de certa forma irmanados na maneira como, recusando a comodidade de “verdades” vigentes, ousaram arriscar-se, desmunidos, à procura de um caminho “sem o mapa que faziam” (Andresen, 1991: 256). Foi um duplo deslumbramento, à espera de escrita.

Aqui ensaio os primeiros passos de um exercício de aproximação. Penso que a partir das reflexões que ambos desenvolvem sobre Portugal e sua pertença à Europa há um possível espaço de encontro, onde descortino fascinantes veredas para futuros estudos, tarefa cuja amplitude e complexidade, a exigir múltiplos desdobramentos e articulações, por ora não me é possível desenvolver. O que de novo deste exercício poderá advir não reside na pretensão de apresentar uma perspectiva inédita sobre as respectivas obras, mas talvez no desejo-provocação de aqui fazê-los encontrarem-se. E deixo já anunciados os próximos passos, que se encaminham para a criação de imagens/figuras, como a da nau alada e a do ovo de falcão, ligadas à construção de “Nós como futuro”, sonho-projeto (*pro-jectu*:

---

<sup>3</sup> Trata-se de um duplo movimento ligado à salvaguarda contra a impostura da língua e à afirmação das singularidades: “uma apropriação [das coisas] que as devolva a si mesmas (des-posseção): a mudez das coisas destitui-as de si remetendo-as para o incriado; a sua aparição é o acto criador pelo qual elas se impõem na linguagem, forçando um idioma que delas se apodere na exacta medida em que a linguagem se oferece como singularidade, contrariando o movimento de generalização” (Lopes, 1988: 85).

<sup>4</sup> Carta de Princípios do Espaço Llansol.

<sup>5</sup> Essa questão de certa forma nos remete a Pessoa, que criou um novo olhar sobre poesia e uma teoria (a teoria do fingimento) capaz de dar conta dele.

<sup>6</sup> “Não de desconforto, mas de inquietação, no que o termo tem de mais estimulante” (Barrento, 2004: ii).

antecipação e possibilidade, um fazer acontecer com raiz de sonho alicerçado na realidade) de um *lugar-outro*, condição da existência de uma cultura viva.

## 2. “Herbais [e Vence] não oculta[m] Portugal”<sup>7</sup>

*Exílio verdadeiro, o autor destas reflexões só o conheceu no interior do seu país, (...) e dessa experiência procede sem dúvida a raiz última do interesse obsessivo para ver claro na realidade do povo a que pertence e para compreender a estrutura desse silêncio que periódica, se não em permanência, coage do interior o diálogo sempre precário da cultura portuguesa consigo mesma.*

(Lourenço, 1991: 14)

*Fui à procura do nosso contexto. E escrevendo sobre lugares alienos, estrangeiros, dei a impressão de não estar a falar daqui.*

*Mas eu nunca saí daqui, no sentido de que nunca abandonei o meu corpo. A minha forma de rebeldia foi tão-só a recusa de o viver mutilado. E em tantos séculos, ele lançou raízes ou deixou pegadas em lugares de que já nem guardávamos a memória.*

(Llansol, 1985: 144-145)

2.1 Se traçarmos um paralelo entre o percurso intelectual e o percurso geográfico de Lourenço, percebemos que o ensaísta, sem jamais deixar de recorrer a sua imensa biblioteca mental, sempre em expansão, é particularmente aberto a um *saber de experiências feito*. A esse respeito, vale a pena confrontar, como aliás o próprio Lourenço já o fez em lúcida autocrítica, o “Prólogo sobre o espírito de heterodoxia” (1949) com o Apêndice ao “Segundo prólogo sobre o espírito de heterodoxia” (1960)<sup>8</sup>. O *espírito de heterodoxia* permanece, não é nem poderia ser renegado, posto que é condição e caminho para a liberdade se fazer, inclusive a de se auto-analisar, combatendo qualquer tendência à paralisia do pensamento – a própria e a alheia. Mas traz, de novo, “um acento, uma inflexão, um aprofundamento do tema”, no empenho de reajustar certos aspectos teóricos e sua aplicabilidade prática que o anterior comportava. Entre **Heterodoxia I e II**, entre Coimbra e Nice, além, é claro, dos “prodigiosos acontecimentos” que impulsionaram a metamorfose histórica, ocorreram experiências significativas para a metamorfose pessoal: a do *exílio no interior de seu país* e as da “mais variada e funda experiência do outro”, que abrangem a *vivência direta* de outros lugares da Europa – Hamburgo (1953), Heidelberg (1954), Montpellier (1955) e Grenoble (1960-65) – e o “contacto, breve, mas decisivo, com o mal chamado Novo Mundo” (Lourenço, 1987: 214-216) – Salvador (1958-59) –, decisivo sobretudo em termos do que significou para ele *ser português* e *ser europeu* (Soares, 2003: 84) no Brasil.

“O encontro com os outros é o verdadeiro encontro conosco” (Lourenço, 1991: 184). Essas experiências contribuíram para dar visibilidade a “uma certa ideia de Europa, por sua

---

<sup>7</sup> Llansol, 1985: 146.

<sup>8</sup> Auto-censurado pelo autor e substituído pela segunda versão dele, em **Heterodoxia II**, posteriormente publicado em apêndice na edição conjunta (Lourenço, 1987: XIII, nota 1).

vez ligada a uma certa ideia de Cultura, nas quais [lhe] era então invisível o aspecto de violência especificamente europeu que nelas se contém”, tornando-o “ainda mais sensível ao que há de realmente próprio na realidade portuguesa”, mas ao mesmo tempo confirmando-lhe a “ideia de solidariedade de destino, superior a todas as diferenças” (Lourenço, 1987: 216-18). Possibilitaram-lhe uma reflexão mais ampla e profunda sobre o *diálogo precário da cultura portuguesa consigo mesma e com o contexto europeu*, já iniciada em “Europa, o diálogo que nos falta”, de forma inovadora, “não só por romper o tradicional círculo de fascínio/ressentimento, mas também porque aí já se defendia o diálogo com a Europa como forma de resistência a todo tipo de totalitarismos” (Lopes, 1994: 2), e que daria origem, já no tempo de Vence, onde Lourenço se radicou a partir de 1974, a **O labirinto da saudade** (1978), e **Nós e a Europa** (1988), obras seminais, escritas à luz dos novos ventos históricos, depois revisitadas em outros livros, como **Portugal como destino** (1999), **A nau de Ícaro** (1999), e **Europa desencantada** (1994).

“Aqueles que melhor nos pensaram foram aqueles que nos deixaram, sem nos esquecer” (Barrento, 2003: 172). Pensado e escrito em Vence, ou entre lugares, dir-se-ia até que Portugal, conforme a profusão de escritos em torno dessa temática evidencia, esteve presente com mais intensidade – se é que isto é possível –, perspectivado ao mesmo tempo de fora e de dentro, num olhar à Pessoa<sup>9</sup>, embora de diferente maneira. Com a liberdade crítica camonianamente fundada em um nunca desmentido amor pátrio, em **O labirinto da saudade** Lourenço perscruta os labirintos portugueses, procurando delinear os contornos de uma “*imagologia*” – “um discurso crítico sobre as *imagens* que de nós mesmos temos forjado” –, apontando, sem complacências, fragilidades, tendências e carências.

Uma das tendências – já antes e também posteriormente referida –, talvez a mais persistente, mudando de roupagem consoante reagimos às vicissitudes históricas, é a de nos vivermos simbolicamente como ilha, sem o ser: “ilha imperial gloriosa” na nossa hora solar (e “sobretudo, para o Portugal europeu, *um refúgio*”), estatuto que nos converteu em “ilha histórica mítica por excelência da Europa”; “ilha perdida”, na “união forçada” com a Espanha. Sem falar na singular vivência do “tempo humano” (temporalidade diversa da “abstractamente universal, que atribuímos ao tempo como sucessão irreversível”) que nomeará o nosso labirinto, a ilha-saudade em que nos convertemos para tentar “recuar aos limites o momento de encontro” conosco e para não abandonar “esse lugar de sonho”, “sem exterior”, espécie de “passado-presente”, “antes mesmo que esse passado se tivesse tornado historicamente mítico, como tempo glorioso dos Descobrimentos ou infeliz de Alcácer-Quibir”. Ou no perigo de novo confinamento autista que ronda a cultura portuguesa, o de nos tornarmos “numa ilha hipoteticamente imaginada com as dimensões do mundo” pelo “nosso paraíso cultural *new look*”, “versão falsamente universalista e cosmopolita daquele tempo português que, durante séculos, nos separou de nós mesmos por nos ter separado do mundo em que começáramos a estar primeiro que outros europeus” (Lourenço, 1999a: 11-12, 19, 16, 91-93; 1999b: 20-21).

A *mitologia do insulamento*, de configuração autista, leva-nos a agir como se não tivéssemos interlocutores (este modo “como se”, ligado às polarizações parecer/ser,

---

<sup>9</sup> Pessoa “pôde situar-se, ao mesmo tempo, por assim dizer, no *exterior* e no *interior* da consciência portuguesa” (Lourenço, 1991: 106).

exterioridade/interioridade, superficialidade/profundidade, manifesta-se em vários momentos<sup>10</sup> de nosso devir histórico). Reflexos dessa *forma mentis* são as “robinsonadas” – as “aventuras celestes de um herói isolado num universo previamente deserto” contadas em quase todas **Histórias de Portugal** – e ainda os “abundantes *monólogos* da nossa criação literária”, de que resulta a “antiga carência de fundo em matéria *teatral e romanesca*” (Lourenço, 1991: 11-18).

Sobre as razões desse isolamento em relação à restante Europa, Lourenço observa que é a partir da “Contra-reforma, com o rompimento que, pouco a pouco, se instala entre a Península e a outra Europa, que nasce a realidade e sobretudo o nosso sentimento de marginalidade européia”, e a perda da autonomia política agrava essa situação (Lourenço, 1988: 27, 44). O Portugal dos primeiros séculos da sua história, quando a Europa cristã era “um todo mais orgânico do que o será em seguida” e “o isolamento e a margem eram um pouco o estatuto de todos os povos ou culturas”, era “um actor realista numa época dura, mas não menos realista”, e nesse sentido “‘mais europeu’ e sobretudo *menos ilha* do que o será e se sentirá depois”. Com os Descobrimentos e suas conseqüências, “encerramos-nos magicamente na esfera do Império” (Lourenço, 1999a: 16, 17, 15), apegamo-nos a uma imagem irrealista, compensação de nossa intrínseca fragilidade. Paradoxalmente, porque então “não só fomos sempre mais europeus do que nós mesmos podíamos supor, como fora de nós nos tornamos hipereuropeus”. O encontro/confronto com as novas terras – sem esquecer, é claro, que, historicamente, o “encontro de culturas” significou também “encontrão” (Lourenço, 1997: XLVII)<sup>11</sup> – poderia ter dado origem a uma *nova imagem*, mas isto não se passou exatamente assim<sup>12</sup>, e a forma desdramatizada como vivemos a perda das antigas colônias – partes de nosso corpo real e imaginário – claramente evidencia.

“Portugal é um povo de longa memória (historial), mas sem memória profunda” (Lourenço 1999a: 63); “com larga memória espontânea”, mas que “não cultiva em excesso a memória activa e criadora de si”, a “reactualização incessante do que fomos ontem em função do que somos hoje ou queremos ser amanhã” (Lourenço, 1988: 10-11, 9). Em “Psicanálise mítica do destino português”, Lourenço ressalta diversas tentativas (desesperadas, dilaceradas e raramente bem-sucedidas) dos “vacionados para a autognose colectiva” de gestar *contra-imagens*, no esforço de reajustar “o nosso ser real à visão do nosso ser ideal” (Lourenço, 1991: 12, 47). No caso específico das relações da nossa cultura com a(s) outra(s) cultura(s) européia(s), não se trata propriamente de instaurar um diálogo a partir de um vazio, porque, conforme declarou Lourenço em entrevista de 1972, de um modo ou de outro Portugal

---

<sup>10</sup> Colonizamos *como se* não tivéssemos “saído de casa” e “descolonizamos” aproblematicamente, sem nenhum dramatismo: “um acontecimento tão espetacular como a derrocada de um ‘império’ de quinhentos anos, cuja posse parecia co-essencial à nossa realidade histórica e mais ainda fazer parte da nossa *imagem corporal, ética e metafísica de portugueses*, acabou *sem drama*” (Lourenço, 1991: 43).

<sup>11</sup> “Nunca se sublinhará como se deve que esse famoso ‘encontro de culturas’, que o foi, mesmo nos seus momentos de aventura pacífica – ou de intenção pacífica, se a houve – foi também um ‘encontrão’, guerra, predação, inextrincável mistura de negócio, de cobiça, de confronto impiedoso entre interesses ou crenças diversas, o mais das vezes, máscaras desses interesses” (Lourenço, 1997a: XLVII).

<sup>12</sup> “O que *fomos como portugueses da Metrópole*, o que éramos como donos reais ou potenciais de terras longínquas ficou separado e separado continuou praticamente até o fim de uma das mais insólitas aventuras colonizadoras do planeta” (Lourenço, 1991: 40).

sempre dialogou com a Europa – um diálogo “fácil, difícil, comprometido, provinciano, *à la page*” (Mesquita, 1996: 67) –, mas de torná-las menos assimétricas e complexadas, razão talvez por que posteriormente a elas se refira como “formas de não-diálogo”; em outras palavras, é preciso pensá-las não mais através da “estranha conjunção disjuntiva”, reveladora da “consciência de uma distância, de uma marginalidade, talvez sobretudo, de uma como que fatal dependência ou superioridade do tipo de cultura”, exemplificada em diversos níveis (literário, artístico e filosófico) (Lourenço, 1988: 54, 23, 25). É esse tipo de diálogo que nos falta.

Voltando à “Psicanálise mítica”, Lourenço conclui esse artigo com um apelo à inquietação das viagens, convocando-nos para uma *viagem-outra*, com a consciência dos *escolhos-nós* que nos tornaram ausentes de nós mesmos, ânsia que parece repercutir o sopro que aviventa a “chama do esforço” da *Mensagem* pessoana: “Para quando a nova viagem para esse outro desconhecido que somos nós mesmos e Portugal conosco? (Lourenço, 1991: 64). Llansol, voltando o olhar ao projeto de “**continuar o humano**” ou de “**fazer de nós vivos no meio do vivo**” (Llansol, 1994a: 120), poderia responder: “A viagem não terminou, só amurou aqui, por instantes” (Llansol, 1988: 22).

2.2. Ao partir para a Bélgica, ao encontro de Augusto Joaquim<sup>13</sup>, que desertara à Guerra Colonial, Maria Gabriela levou um bem precioso, a língua, herança inalienável, o “único ponto firme – a [sua] âncora: o [seu] real, o nó de certeza do [seu] corpo com o mundo (Llansol, 1994a: 126). Deslocando-se progressivamente da cidade de Lovaina (1965-75) para a vila de Jodoigne (1975-80) e, por fim, para o povoado de Herbais (1980-85), “lugar que não é o centro de nenhum mundo culturalmente criado” (Llansol, 1985: 62), encontrará nesses sítios a *esmola do silêncio* – um silêncio não-coercitivo, propício à criação: “o que mais me surpreende é que, não ouvindo em volta a minha língua, é nela que evoluo, guardando o seu espírito livre da sua forma conforme e pesada” (Llansol, 2001: 111).

Partiu com a firme determinação de “encontrar formas estáveis de pujança” (Llansol, 2001: 113-117), decidida a continuar a orientar-se pelo “primeiro pensamento verdadeiro da rapariga que temia a impostura da língua” (Llansol, 1994a: 16), de raiz spinoziana<sup>14</sup>, intento iniciado nos tempos de Lisboa, com **Os pregos na erva** (1962), mas que só resultaria plenamente a partir de **O livro das comunidades**, fonte da sua escrita e do seu lugar no mundo, em cujo prefácio se enuncia o *espírito da Restante Vida*. Escrito no ano da Revolução dos Cravos e publicado em 1977, é em outro nível que a “libertação se traduz”, dispensando a “referência ao mundo da opressão ou silêncio” para ser “só já festa da imaginação impondo ao real a sua dose de sonho”, texto “demasiado insólito para ser religado ao espaço próprio ou simbólico da Revolução, apesar da enigmática presença de

---

<sup>13</sup> Ao companheiro de toda a vida (como Annie para Lourenço) e interlocutor privilegiado, Llansol dedicou, logo após o Augusto ter empreendido a grande viagem, o belíssimo **Amigo e Amiga**, Grande Prémio APE Romance 2006.

<sup>14</sup> “Desde que a experiência me ensinou ser vão e fútil tudo que costumava acontecer na vida cotidiana, e tendo eu visto que todas as coisas de que me arreceava ou temia não continham nada em si de bom nem de mau senão enquanto o ânimo se deixava abalar por elas, resolvi, enfim, indagar se existia algo que fosse o bem verdadeiro e capaz de comunicar-se, e pelo qual unicamente, rejeitado tudo o mais, o ânimo fosse afetado; mais ainda, se existia, algo que, achado e adquirido, me desse para sempre o gozo de uma alegria contínua e suprema” (Espinosa, 1991: 43).

Tomás Müntzer”, como assinalou Lourenço (1994b, 300). Sobre “a libertação política”, numa notação de **Finita**, **Diário 2**, Llansol (1987: 192, 52-3) escreve: “Portugal, agora, não é o meio de uma viagem, é uma partida conseguida, a muito custo, para uma viagem errada. Por enquanto estão (estamos) soltos mas ainda não livres (...). Não se fala em abolir os efeitos do poder, mas de suscitar das velhas formas, novas formas”, o que nos remete à distorção, apontada por Lourenço (1991: 58), ao se tentar impor uma *nova imagem*, logo após o 25 de abril, na aparência oposta ao do Antigo Regime, mas cuja “estrutura e função eram exactamente as mesmas”<sup>15</sup>. Ainda na citada notação de **Finita**, após declarar que não se sente politicamente “ligada a uma nação”, Llansol refere o seu lugar habitável: “sem país em parte alguma, salvo no vazio em que me dei a uma comum idade. **Comum idade** real por imaginária, e imaginária por verdadeira” (Em nome talvez desse lugar, Camões chamar-se-á Comuns). A idéia de comunidade que o texto propõe – “espaço-nó, ou semente” (Llansol, 1994a: 142) – não se deixa enredar pelo nacional, “pelas ‘nossas coisas’” (2002: 138): “surge assim como alternativa e resistência à **pátria**. A primeira é um espaço aberto e abrangente que compreende a errância e a com-preensão universal; a segunda é uma máquina infernal de inclusões e exclusões, de enraizamentos e exílios” (Guerreiro, 1989: 22-C).

Lourenço foi um dos primeiros *cantores de leitura*<sup>16</sup> de **O Livro das Comunidades**, obra impactante e surpreendente pelo que oferecia ao leitor sedento de novo (novo que não se confunde com a novidade). Argutamente percebendo sua fulgurância ímpar, com a alegria e o deslumbramento de um descobridor que se depara com uma terra “fascinante e incógnita”, saudou o encontro com este livro “onde confluem, com originalidade de visão e de crítica, acaso sem precedentes (...), as sombras e as aventuras, à primeira vista inconciliáveis, de Tomás Müntzer, São João de Cruz e Nietzsche. Que *Cultura* corresponde a um tal *Texto* não é fácil dizê-lo” (Lourenço, 1994b: 283).

Impressão igualmente (ou ainda mais) jubilosa, porque marcaria indelevelmente a sua escrita, ocorreu a Llansol, quando em visita ao *béguinage* de Bruges, de súbito vieram-lhe à consciência duas imagens vibrantes, reunidas num *nó-encontro* fundamental ou anel de fulgor, estilizando para sempre o “jogo de espelhos”: “a sensação estranha de que vários níveis de realidade ali aprofundavam a sua raiz, coexistindo sem nenhuma intervenção do tempo” – beguinhas, descobridores, rebeldes, místicos – e “a tentativa inabalável de reconduzir à fala e à convivência de grupo, uma criança aparentemente autista que fora levada à escola onde (...) ensinava”. Teve um “sentimento fortíssimo” de que nós ali já “tínhamos sido alguém”, embora não houvesse “nenhuma memória de nós. Nem sequer esquecimento”. “Data de então, a presença constante, invasora e quase exclusiva, de certas figuras europeias nos [seus] livros”, tendendo, nos mais recentes, para o anonimato

---

<sup>15</sup> Mais tarde, Llansol porá em causa a relevância histórica do movimento – “o meu país não conheceu nenhuma revolução social significativa” (1994: 91) – e Lourenço a propriedade de considerá-lo revolução: “à parte a Revolução Liberal (a de 1834) nunca houve nenhuma revolução em Portugal” (1999a: 59). Numa entrevista, à pergunta “O 25 de Abril, foi uma revolução?”, o ensaísta assim respondeu: “(Silêncio). Pelos seus efeitos, na ordem política e cultural, foi uma revolução. Mas uma revolução com flores, não dá! O que teve de maravilhoso foi isso mesmo: foi uma coisa única. Oxalá que todas as revoluções fossem assim... Houve momentos revolucionários, mas que já eram arcaicos” (Lourenço, 2003: 36).

<sup>16</sup> Jogo com os títulos *O canto do signo*, livro de Lourenço onde se encontra a referência ao texto de Llansol, e *Os cantores de leitura*, último livro da autora.

crescente. Percebeu que acedera a uma realidade ainda inominada, a que mais tarde chamaria de *cenas fulgor*, uma manifestação de uma morada de imagens, “dobrando o espaço e reunindo diversos tempos”. Ali havia “uma encruzilhada do espiritual, num sítio ainda vazio”, expectante. Nessas “paragens que atraíam o tenro; o novo; o audacioso; o potente” confrontadas com a sua língua “o texto da **sobreimpressão** verdadeiramente começa” (Llansol, 1994a: 126, 89, 88, 128, 126, 128).

Ir à procura “do nosso contexto” é, pois, um modo de partir às descobertas, não para “**possuir o dominar**” (Llansol, 1990: 32), mas para abrir acesso a múltiplos recomeços, o que implica contornar sutilmente (não combater frontalmente) nós paradigmáticos. Em *Da sebe ao ser*, Llansol procura circunscrever o *paradigma da água* cantado à exaustão na *estética do encontro* (Llansol, 2002: 80) ou pretensão “encontro de culturas”, situando-se fora da compulsão celebrativa dos Descobrimientos e da sua negação, na medida em que as duas posições são prisioneiras da mesma lógica. Nesse livro que fecha a Trilogia *O litoral do mundo*, revisita a “nostalgia do mar” sem nostalgia e da nossa “herança errante e marítima” escolhe/acolhe como legado não o mar possessivo e obsessivo (a hiperbólica e paralisante *hidrofilia*, que poderia “nos reter para sempre”), mas “o seu movimento”. A ilha de Ana de Penãlosa (figura ordenadora das Trilogias, associada ao *espaço materno* dos *hóspedes de rara presença*) não se oferece compensatoriamente como prêmio por altos feitos ou bálsamo à ferida de vir cantar valoroso canto a gente surda e endurecida (“a relação que criei com o Oceano impede-me de receber um prêmio por ele”; “com outra maneira de ver falo de vela e caravelas e mar”). Ela existe como imagem com que se resiste aos *nós-grilhões*; como “reflexão flutuante”, que vai-e-vem, desconfinando, desnodando; como figura do aberto, um “estado do Universo, entre relações”, trazendo “novas vozes” (Llansol, 1988: 9, 206, 25, 15, 85, 182-183), pondo em movimento o “pensamento [que] não conclui”, o “princípio das interrogações”, pois é impossível “repousar sobre a verdade” (Llansol, 1990: 88; 2002: 322).

Falta ao Portugal-ilha, como Lourenço apontou, a noção de *exterioridade* (1999a: 87-88)<sup>17</sup>, fundamental para a condição dialógica, que nos possibilita compreender a cultura de um modo profundo. Precisamos da mediação do olhar do outro para tomarmos consciência de nós mesmos. E é na experiência de confronto com o “corpo de outrem”<sup>18</sup> que constituímos o nosso, conforme afirmou Llansol. Significativamente, no *encontro de confrontação* com Bach, que sabia harmonizar sublime e cotidiano, Aossê (Pessoa), “caça ferida”, aprende “a estabelecer uma ligação com o exterior” e, através de Infausta, “heterônimo feminino” e porto feliz (Llansol, 1985: 95, 160, 121), a tocar o corpo de outrem, a materializar uma

---

<sup>17</sup> “É-lhes vedado [aos Portugueses] apreendê-la [a maneira como vivem a sua relação consigo mesmos e com o mundo] a partir de qualquer exterioridade, mesmo imaginária”. Ou ainda: “Um tal povo, tão à vontade no mundo como se estivesse em casa, na verdade não conhece fronteiras, porque não tem exterior. Como se fosse, sozinho, uma ilha” (Lourenço, 1999a: 91).

<sup>18</sup> “Eu penso que Aossê (eu não posso chamar-lhe Fernando Pessoa) teve uma experiência de não-dito no seu corpo, e de falha. Quase não tinha tido corpo, nem o seu nem o de outrem, já que é o corpo de outrem que constitui o nosso, o tocar-lhe, o sentir que ele nos situa no espaço amoroso, nos materializa numa relação de afecto” (Llansol, 1991: 28).

relação de afeto, questão que nos remete a Pessoa e o “*não-amor*”, à ferida não do “*sofrimento de amor*”, mas do “puro vazio afectivo”<sup>19</sup>, segundo Lourenço (1986: 62).

Llansol traz à luz sinais vibrantes de uma ficção submersa que emerge em *cenar fulgor*, e se desenvolve através de “encontros de confrontação” que historicamente “não se deram – e que podiam ter sido autênticos recomeços de novos ciclos de pensamento e de formas de viver” (Llansol, 1985: 105) –, entendendo-se, desde já, que “confrontar-se não é lutar com. É opor barreiras afirmativas, é forçar reflexões e investigações (...); é postular que não haverá *uma única descrição* do mundo” (Joaquim in Llansol, 1998: 195). Procura desfiar no texto alguns nós que inviabilizaram o efetivo diálogo, propondo alianças não-conformes, tecendo novas configurações afetivas, fora do lugar-comum, como o surpreendente *amor ímpar*<sup>20</sup> entre Isabôl (Isabel de Portugal), Copérnico e Hadewijch, que se configura em *Contos do mal errante*; o encontro entre João Terceiro e Juan, ou Vê Gama e Comuns, em *Da sebe ao ser*; ou ainda os que conjectura em *Um falcão no punho*: e se Camões tivesse ido ao encontro de Copérnico? E se no caminho tivesse contactado com Fiéis do Puro Amor? Por sua vez, “o que Camões não teria dado a Copérnico, o que não teríamos ganho se a ciência nascente não tivesse sido um ‘saber a seco’”? E se Pessoa tivesse se encontrado com Al-Hallâj e não com “teósofos de pacotilha”<sup>21</sup>? Contudo, não poderá desfiar o *nó* do *não-encontro* Ocidente-Oriente: “a pedra deste túmulo não a consigo remover. Não será Lisboa-Bagdad, mas tão-só Lisboa-Leipzig” (Llansol, 1987: 106). Lança, porém, os fundamentos de **Lisboleipzig 1** – o que nasceria do encontro entre o poeta Aossê e o músico Bach (“Sim, porque eles dialogam. // E que é o diálogo senão o vivo na linguagem do vivente (...)?” (Llansol, 2002: 104) –, diálogo que se amplifica em **Lisboaleipzig 2**, com Spinoza<sup>22</sup> (o pensador que demos ao mundo, conforme Lourenço, quando cedemos “à pressão da catolicíssima Espanha” e impusemos aos nossos judeus a “única diáspora da

---

<sup>19</sup> A poesia de Pessoa, enquanto poética confessa e obsessiva da consciência como solidão ontológica, tinha de ser fatalmente, uma poesia do não-amor. O que ela é de facto, mas em termos tão inabitualmente atrozos que de si mesma se assinala como o lugar de um sofrimento sem nome, de alguma maneira, como puro vazio afectivo, análogo na sua inversão ao que consideramos classicamente *sofrimento de amor*. Na verdade, esse vazio afectivo é essa espécie de ferida, e toda a poesia de Fernando Pessoa o seu eco inutilmente multiplicado” (Lourenço, 1996: 62).

<sup>20</sup> Sobre esse encontro, Augusto Joaquim escreve: “Isabel é a herdeira da tradição cátara e do amor cortês, Hadewigh escreve poemas de erotismo místico, Copérnico encontrou, por cálculos matemáticos, o heliocentrismo. O êxito do encontro dos três teria significado a emergência de uma razão experiente, mas não positivista, centrada sobre a procura de novos mundos de afectos que, por si, nada teriam em comum com a milenária separação dos corpos e dos sexos. E a emergência de uma outra lógica: a re-escrita da ‘Crítica da Razão Prática’ kantiana” (Joaquim, 1987: 7).

<sup>21</sup> “Na sua virgindade há uma verdade seca – tão grande que peço orvalho, morrinha, chuva fina e persistente, e a mão, só a mão, sem mais corpo, de uma figura feminina correndo pelo seu fâcies atônito por não ter encontrado o crucificado de Bagdad. (...) Tanta palavra, tanta imagem, tanta máscara, para dizer ‘não encontrei’. Dez séculos antes Al-Hallâj tinha dito o mesmo, vivido numa época agitada como a dele, com todo o mundo muçulmano em recomposição. Mas que diferença entre um e outro. Al-Hallâj disse-o. Não encontrou porque Se encontrou, e na Praça de Bagdad onde o despedaçavam, sabendo que ele tinha razão mas era blasfemo, morreu afirmando-lhes: ‘Eu sou o Criador’” (Llansol, 1985: 104-106).

<sup>22</sup> “Aossê e Spinoza são aparentemente ‘portugueses’. Sinal de que, aqui, na khora, se deu um cataclismo estético e filosófico inusitado e de extraordinário alcance. Praticamente inútil, porque o filme desse híbrido cataclismo ocorreu a uma velocidade geológica. Aos olhos humanos, nada ocorreu. Quase ninguém sentiu o tremor de terra. Apenas a estética pode desbobinar a outra velocidade desse diálogo, conferindo-lhe possibilidade efectiva” (Llansol, 2002: 104).

nossa história” (Lourenço, 1991: 14), amputando do nosso corpo social e cultural a “nossa parte de Israel” (Lourenço, 1999b: 89). Sobre o emblemático século XVI de Camões e Copérnico, nunca é demais lembrar que, historicamente, “num certo dia do ano de 1527”, o “nosso destino ético e intelectual decidiu-se”, quando “o *erasmismo hispânico* foi condenado e banido do nosso horizonte e com ele a disposição do espírito que está na origem do olhar crítico sobre o que nos cerca e o que fazemos”, comprometendo a nossa colaboração na atividade científica, e a *ética* que ela implica – “o *reino da liberdade* ou o seu motor”. E “séculos de opaca e profunda ortodoxia” (Lourenço, 1991: 14, 50) não poderiam nos conduzir aos expoentes do pensamento científico e filosófico: sequer um “saber a seco” pôde plenamente florescer...

A partir do vazio-pleno de virtualidades e à luz dos encontros de confrontação, Maria Gabriela *escreve* Portugal e afirma a pertença da cultura portuguesa à cultura europeia, “a um ponto que os próprios portugueses não imaginam” (1985: 105). *Aqui*, no “jardim que o pensamento permite” (1984: 79), não coincidirá com o lugar privilegiado de inscrição pátria como no canto camoniano<sup>23</sup>, nem será jardim restritivo ou território “absoluto dos portugueses” (1985: 53), mas um “*aqui* poderosamente sobreimpresso” (1994a: 134). Assim, “*aqui* poderá ser a *terra* do homem comum (...). Unir o pensamento à música e ao poema, no meio comum dos homens, deve bastar” (1994b: 171).

### 3. “Festas de pensamento e de língua”<sup>24</sup> ou a casa da paixão da escrita

O “instinto da espécie criativa” (Llansol, 1985: 88) conduziu-me à clareira do encontro entre o “filósofo da cultura” (Baptista, 2003: 25) ou “filósofo-poeta” (Velo, 2003: 37) e a escritora que escreve com um falcão no punho. Ambos seres singulares, de rara beleza e luz própria, abrem caminhos ínvios ou quase soterrados, assumindo o risco da ousadia de ter um pensamento próprio e de perseverar nele (naturalmente mantendo a vigilância contra a tendência à cristalização), o que implica uma certa solidão, que se revela também uma solidão escolhida (“*Só e Maravilha*” e não “sós por desastre”, diria Llansol, 1999: 34; 2000: 232), como assunção de um *destino de escrita* em que se celebram *festas de pensamento e de língua*. Em seus textos – vistos em si mesmos e à luz deste exercício – vislumbro uma jubilosa manifestação do desejado encontro entre a liberdade de pensamento e o dom poético. A vontade do diálogo-encontro confirma-se como ponto de partida e fascinante modo de viajar e saber sonhar: em Lourenço, para pensar uma *cultura viva* (1991: 7) e, em Llansol, para uma grafia do “vivo” (2000: 190). Prova de que sonharam “sonhos maiores que nós” – e nisto, *portuguesmente*, confirmam “uma maneira cultural de ser europeus” (Lourenço, 1988: 23, 26) –, não com onirismo delirante, desvarios, mas com sonhos bem sonhados, sem jamais perder o sentido da realidade e da complexidade, para que todos também possamos nos “sonhar melhor” (Lourenço, 1994: 6).

Para Maria Gabriela, a experiência de ligar “dois pontos um ao outro”, de desenhar um mapa de “passos íntimos”, “longe e perto” do corpo materno, já se iniciara na “primeira deslocação com sentido”: “Da Estrela ao Camões ensaiei o meu vogar sobre dois países,

---

<sup>23</sup> “Eis aqui, quase cume da cabeça, / De Europa toda, o Reino Lusitano, / Onde a terra se acaba e o mar começa, / E onde Febo repousa no Oceano” (*Lus.*, III, 20).

<sup>24</sup> Llansol, 1985: 146.

inicie a pré-etapa deste percurso” (Llansol, 1985: 147-8). Na convicção de que o texto é “lugar que viaja”, “a mais curta distância entre dois pontos” (Llansol, 1985: 144), sem jamais ter deixado o seu contexto, na “*intimidade da lonjura*” (Coelho, 1979: 86), com o “coração da inteligência” (Llansol, 1984: 91), preparou com “prudência, e sem ilusões”, o “caminho de regresso” a Portugal, onde residiu em Colares e depois em Sintra. Em março de 2008 partiu definitivamente ao encontro do seu *ambo*, legando-nos o texto do fulgor. Além dos 29 livros e 7 traduções<sup>25</sup> publicados, Maria Gabriela deixou-nos um espantoso volume de inéditos em cadernos, agendas, *dossiers*, blocos, folhas soltas, entre os quais poesia, teatro e vários Diários<sup>26</sup> dos anos 50, 60 e 80, que serão publicados com o título de *Livros de Horas*. O seu imenso espólio é o testemunho “de uma vida-de-escrita vertiginosa e obsessiva”<sup>27</sup>, a aventura de uma “vida escrita”, apropriando-me do título do ensaio de Lourenço sobre Montaigne, ou ainda “aventura da Vontade de Pujança” (Llansol, 1987: 89), como ela desejou.

Também Lourenço, em sua labiríntica garagem-biblioteca de Vence, mantém uma profusão de escritos em folhas soltas, agendas e cadernos, como o livro de poemas e o Diário que escreve desde os anos 40, e que já recebeu diversos títulos (*O Livro da Alma* ou, ou..., conforme a pujança de um pensamento que não cerceia a “demasia de possíveis” (Llansol, 1987: 78), e que se um dia for publicado chamar-se-á *A casa perdida* – de Deus, da Pátria e da própria família. A sua casa-país habitável e imperdível – sua e nossa pátria comum –, sem fechar-se a outros imaginários, coincide com a do imaginário em língua portuguesa, a da língua portuguesa literariamente trabalhada, aquela que, recorrendo a uma passagem de Montaigne, é capaz de trespassá-lo como flecha em pleno coração: “página do *Livro do Desassossego*, conto em dois parágrafos de Guimarães Rosa, enigma claro de Maria Gabriela Llansol, estou em minha casa” (Lourenço, 1997b: 76). Apetece-me imaginar que entre as páginas inéditas, por coincidentes afinidades eletivas (Pessoa, Vergílio, Jesus...) e não necessariamente por convergência de visões, talvez se encontrem algumas sobre *Inquérito às quatro confidências*, *Ardente Texto Joshua* ou *Lisboaleipzig* ou...

## Bibliografia

- ANDRESEN, Sophia de Mello B. *Navegações (1977-1982)* in *Obra Poética III*. Lisboa: Caminho, 1991
- BAPTISTA, Maria Manuel. *Eduardo Lourenço – A paixão de compreender*. Porto: Asa, 2003
- BARRENTO, João. Pensar sem aspas in BAPTISTA, Maria Manuel (coord.) *Eduardo Lourenço. Uma cartografia Imaginária*. Cadernos do Mosteiro nº 9. Câmara Municipal da Maia, 2003, p. 171-175
- *A chave de ler. Caminhos do texto de Maria Gabriela Llansol*. Jade – Cadernos Llansolianos 4. Lisboa-Sintra: GELL-Grupo de Estudos Llansolianos, 2004
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1977

---

<sup>25</sup> Llansol traduziu Verlaine, Rimbaud, Éluard, Teresa de Lisieux, Baudelaire, Apollinaire e Dickinson.

<sup>26</sup> Tal como Rilke no seu longo diário de vinte e seis anos, Gabriela procurou cartografar a experiência qualitativa do tempo: “queremos usar bem o tempo de nossas vidas que nos foram dadas num contexto absurdo” (Llansol, 1987: 76, 112).

<sup>27</sup> Cf. Espólio Literário de Maria Gabriela Llansol. Inventário Preliminar <<http://espacollansol.blogspot.com>>.

- COELHO, Eduardo Prado. *A letra litoral*. Porto: Moraes, 1979
- ESPINOSA, Baruch de. *Pensamentos metafísicos. Tratado da correção do intelecto. Ética*. Seleção de textos Marilena Chauí; traduções Marilena Chauí [et al.]. 5. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991 (Os Pensadores)
- GOULART, Rosa Maria. Eduardo Lourenço: a arte do ensaio in BAPTISTA, Maria Manuel (coord.) *Eduardo Lourenço. Uma cartografia Imaginária*. Cadernos do Mosteiro nº 9. Câmara Municipal da Maia, 2003, p. 22-25
- GUERREIRO, Antonio. As fábulas da História. *Expresso*, 8/04/1989, 22C
- JOAQUIM, Augusto. Algumas coisas (Posfácio) in LLANSOL, M.G. *Um falcão no punho*. 2.ed. Lisboa: Relógio d'Água, 1998, p. 155-204
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Os pregos na erva*. Lisboa: Portugália, 1962
- . *O livro das comunidades*. Porto: Afrontamento, 1977
- . *A restante vida*. Porto: Afrontamento, 1982; 2.ed. Lisboa: Relógio d'Água, 2001
- . *Causa amante*. Lisboa: A Regra do Jogo, 1984
- . *Um falcão no punho. Diário I*. Lisboa: Rolim, 1985
- . *Finita. Diário II*. Lisboa: Rolim, 1987
- . *Da sebe ao ser*. Lisboa: Rolim, 1988
- . A obsessão de Fernando Pessoa (entrevista de Cristina Freixo). *Público*, 11/06/91, p. 28-29
- . *Lisboaleipzig 1. O encontro inesperado do diverso*. Lisboa: Rolim, 1994a
- . *Lisboaleipzig 2. O ensaio de música*. Lisboa: Rolim, 1994b
- . *Inquérito às quatro confidências. Diário III*. Lisboa: Relógio d'Água, 1996
- . *Ardente Texto Joshua*. Lisboa: Relógio d'Água, 1999
- . *O Senhor de Herbais*. Lisboa: Relógio d'Água, 2002
- . *Amigo e Amiga. O curso do silêncio de 2004*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006
- . *Os cantores de leitura*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2007
- LOPES, Silvina Rodrigues. A ideia da Europa em Eduardo Lourenço. Congresso Internacional *Portugal e os Mares: um encontro de culturas*. Nápoles, 1994, p. 1-7
- LOURENÇO, Eduardo. *Fernando, rei da nossa Baviera*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1986
- . *Heterodoxia I e II*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987
- . *Nós e a Europa ou as duas razões*. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988
- . *O Labirinto da saudade*. 4. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1991
- . Portugal “nação-navio”. In CUSATTI, M. L. *Congresso Internazionale Il Portogallo e I Mari: um incontro tra culture*. Napoli: I.U.O-Liguore, 1997a
- . Portugal, Nação-Navio. (Entrevista de Maria do Rosário Pedreira e Eduardo Moura). *Atlantis*, 1997b, p. 72-76
- . *Portugal como destino seguido de mitologia da saudade*. Lisboa: Gradiva, 1999a
- . *A nau de Ícaro seguido de Imagem e miragem da lusofonia*. Lisboa: Gradiva, 1999b
- . *A Europa desencantada. Para uma mitologia europeia*. Lisboa: Visão, 1994a
- . *O canto do signo. Existência e literatura (1957-1993)*. Lisboa: Editorial Presença, 1994b
- . 80 anos. O rei da nossa Baviera. (Entrevista de Adelino Gomes e Carlos Câmara Leite). *Público*, 23/05/2003, p. 35-36

---- Montaigne ou la vie écrite. In LOURENÇO, E. & BOTINEAU, P. *Montaigne 1533-1592*. Photographies de Jean-Luc Chapin. Centre Régional des Lettres d'Aquitaine: L'Escampette Éditions, 1992

MESQUITA, Mário (Entrevista de). *Eduardo Lourenço. Cultura e Política na época marcelista*. Lisboa: Cosmos, 1996

SOARES, Maria de Lourdes. *Quem me chama: a escrita fulgurante de Maria Gabriela Llansol*. PUC-RJ, 1994 (Tese de Doutorado)

----- . Eduardo Lourenço: o filósofo “português de Vence” e o Brasil. In LEMOS, Fernando & Leite, Rui Moreira (orgs.). *A missão portuguesa. Rotas entrecruzadas*. São Paulo: UNESP; Bauru: EDUSC, 2003, p. 80-87

VELOSO, Carlos. Lamentos e interrogações: Eduardo Lourenço e o apelo da metafísica. *Metamorfoses 4*. Lisboa: Editorial Caminho; Rio de Janeiro: Cátedra Jorge de Sena/UFRJ, 2003, p. 35-44

*Curriculum vitae* resumido de Maria de Lourdes Soares

Nasceu em 1950, em Arouca, Portugal. Concluiu tanto o Mestrado como o Doutorado em Letras na Pontifícia Universidade Católica (PUC), no Rio de Janeiro, cidade onde vive desde os quatro anos de idade. É Professora Adjunta da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro(UFRJ), especialista em Literatura Infantil e pesquisadora da obra de Eduardo Lourenço e Maria Gabriela Llansol.